

**Sartre: uma ontologia fenomenológica**

*Flávia Roberta Benevenuto de Souza (UFMG)*

*Orientadora: Prof. Dra. Maria Theresa Calvet de Magalhães*

**Ontologia**

A ontologia é, na modernidade, o ramo privilegiado da metafísica, ou seja, é sinônimo de metafísica geral. Ela, enquanto ciência geral do ser, já era objeto de investigação na Grécia (implicitamente, por exemplo, em Platão, e explicitamente em Aristóteles). O termo ontologia, no século XVII, retoma uma das significações do ser privilegiadas por Aristóteles, a do ser como substância (ou do ser como ousia).

Desde este seu surgimento, no século XVII com Goclenius, a ontologia está ligada a uma investigação relativa a diferentes graus de abstração, sendo, a abstração ontológica, o grau mais elevado, e muitos pensadores como, por exemplo, Nietzsche consideram essa ligação como o “índice de que a própria noção de ser é uma abstração pálida, o grau último de esvaecimento da realidade” (NOTA) E foi justamente esse tipo de interpretação que gerou uma certa “aversão” ao termo, por um período relativamente longo de tempo.

Em Kant, na Crítica da Razão Pura, a ontologia passa a ser a própria filosofia transcendental. Ao ocupar o lugar da metafísica geral, a filosofia transcendental (igual a ontologia) nada mais é do que a solução, escreve Kant, “sistematicamente apresentada e desenvolvida” do problema da razão pura, isto é, da questão chave de toda a metafísica. Essa questão era para Kant a seguinte: como são possíveis os juízos sintéticos a priori. Isto é, como são possíveis as proposições da física pura, da matemática pura e da metafísica. Isso significa que a filosofia transcendental (ou ontologia) tem por objeto agora o estudo das condições de possibilidade da ciência. Na leitura de Heidegger a filosofia transcendental seria em Kant a fundação de uma nova ontologia, a re-fundação da ontologia.

Hegel também critica a “antiga” ontologia ou a “antiga” metafísica tal como se encontrava constituída antes da filosofia kantiana (ou seja, a metafísica geral tal como foi concebida no século XVII) pois essa ontologia era apenas uma doutrina das determinações abstratas da essência. Hegel afirma que a sua lógica objetiva (isto é, a Doutrina do Ser e a Doutrina de Essência) ocupa o lugar da ontologia e, portanto, o lugar da metafísica geral.

Em 1913, ao primeiro volume de sua obra *Idéias para uma Fenomenologia Pura e uma Filosofia Fenomenológica*, logo nos primeiros parágrafos, Husserl vai dedicar-se às ciências experimentais e ao aprofundar essa reflexão chega à conclusão, para ele evidente, de que toda e qualquer ciência experimental carece da necessidade e do caráter absoluto, exigidos numa ciência fundamentadora. Ele insiste em distinguir as ciências experimentais das ciências eidéticas. Em ambas se dá uma generalidade, como é próprio de qualquer ciência. As leis das ciências experimentais regulam só os fatos, e são inconcebíveis sem a existência real da natureza em que se apoiam. As ciências eidéticas regulam as essências que, em si mesmas, são inde-

pendentes dos fatos concretos, embora neles se realizem. Deste modo, apresentam-se como absolutas, como independentes da contingência dos fatos e, ao mesmo tempo, dominando-os.

A relação entre a ontologia e a lógica está já patente no fato de Husserl ter atingido o conceito de ontologia, como ele próprio esclarece, quando a busca duma ciência fundamentadora o introduziu na necessidade duma lógica pura. A plena fundamentação exige plena racionalização. A ontologia, segundo sua própria etimologia, coincide com a ciência que pretende dar a íntima razão do ser. Se é verdade que, para Husserl, esta racionalização pertence ao âmbito da lógica, é também certo que deve realizar-se pela ontologia.

Segundo Fragata, o grande mérito da maneira como Husserl concebeu a ontologia foi justamente o de ter chamado a atenção para a necessidade de uma ciência radicalmente fundamentadora, que terá de apresentar-se como reflexão sobre o ser, a fim de que este fosse perfeitamente racionalizado.

Para Heidegger, a filosofia é ontologia e não se confunde com a teologia. As relações da filosofia e da teologia foram determinadas por ele como as de duas ciências absolutamente diferentes uma da outra. A filosofia enquanto ciência do ser nos oferece a dimensão a partir da qual todo dado enquanto tal aparece; a teologia, por sua vez, é uma ciência ôntica (e não uma ontologia) e aqui a dimensão da fé e do que é revelado através dela permite acesso à verdadeira eternidade (Deus); para o filósofo, ao contrário, a eternidade é apenas o conceito vazio de algo permanente, que é derivado de nossa experiência de temporalidade.

O objetivo declarado de *Ser e Tempo* (1927) é o da determinação do sentido do ser. Questão esta que, segundo Heidegger, foi esquecida no decorrer da história da filosofia. Isto porque, segundo ele, vários preconceitos intrínsecos à própria ontologia antiga causaram uma certa indiferença em relação ao problema do ser. De acordo com Heidegger os três principais preconceitos são:

- a absoluta generalidade do ser;
- a impossibilidade de definir o conceito "ser" (impossibilidade deduzida de sua suprema generalidade);
- o de sua evidência (todos compreendem o que significa a palavra ser, porém, esta compreensão comum ou "mediana" demonstraria para Heidegger apenas a incompreensibilidade).

De acordo com Heidegger, na questão a ser elaborada, podemos discernir, como em todo questionamento, não apenas aquilo que é questionado, mas também o que é perguntado, ou seja, o sentido do ser e ainda o próprio ente que nos permite o acesso ao ser, isto é, o interrogado. Enquanto questionado, o ser exige um modo próprio de mostrar-se (de revelar-se) e, por conseguinte, o que é perguntado (o sentido do ser) requer, por sua vez, uma conceituação própria.

## Fenomenologia

A palavra fenomenologia também é de formação recente e, enquanto doutrina da distinção da verdade e da aparência, tal como a apresenta Lambert em 1762, não considera a verdade e a aparência como pólos contrapostos mas, ao contrário, como “momentos” de um mesmo processo; a aparência tanto pode constituir-se em ilusão como em fonte de erro, ou operar como manifestação. A fenomenologia apresenta-se como procedimento sistemático para “atingir a verdade através da aparência”

Para Kant, por sua vez, nos seus Primeiros princípios metafísicos da ciência da natureza (o último capítulo) não se trata a rigor da transformação da aparência em verdade, mas da aparição em experiência. Já em Hegel, o que a consciência toma como verdadeiro revela-se ilusório e ela é obrigada, diz ele, a abandonar a sua convicção primeira e passar para uma outra convicção. E assim, na sua Fenomenologia do Espírito, esse se torna o caminho da dúvida e até mesmo do desespero em que a exposição do saber fenomenal é a prática efetiva do desespero ou do que ele chama de ceticismo amadurecido. A fenomenologia é, então, para Hegel um empreendimento de conduzir a consciência ao seu mais alto grau, ou seja, até o ponto em que a lógica se inicia: a exposição do saber fenomenal conduz ao saber real.

A fenomenologia, como o próprio nome diz, é a ciência dos fenômenos, porém, segundo Husserl, seu objetivo é o de descrever os modos típicos segundo os quais os fenômenos aparecem à consciência. O que se manifesta e aparece é o fenômeno, porém não devemos entendê-lo contrapondo a aparência à coisa em si. Nesse sentido, Giovanni Reale nos escreve o seguinte: “eu não escuto a aparência de uma música, eu escuto a música; eu não sinto a aparência de um perfume, eu sinto o perfume” A fenomenologia é considerada por Husserl como uma ciência inteiramente a priori e que estuda a consciência enquanto consciência intencional. A partir de 1913, Husserl designa essa ciência – “a única ciência verdadeira e autêntica” – por fenomenologia transcendental.

O próprio objeto dessa única ciência verdadeira e autêntica que coincide também, segundo Fragata, com a filosofia no seu sentido perfeitamente genuíno e universal, ou seja, o próprio objeto da fenomenologia transcendental ou da ontologia por excelência é justamente ver como cada campo da experiência se instaura na vida transcendental do ego. A diversificação dos diferentes campos de experiência torna-se explícita através dos diferentes tipos de intencionalidade. Aliás, o próprio termo intencionalidade designa em Husserl a relação do Ego com seus correlatos, isto é, a relação transcendental na qual a experiência se desdobra.

Em Heidegger temos primeiro, na “Introdução” de Ser e Tempo, a exposição de um conceito provisório ou preliminar de fenomenologia. Essa exposição volta a etimologia dos dois componentes da palavra fenomenologia: fenômeno e lógos, ambos originários do grego. Inicialmente, fenômeno significa, em grego, aquilo que se mostra em si mesmo, o manifesto. Mas, significa também, o aparente ou a aparência, ou seja, um ente pode parecer o que, segundo Heidegger, realmente não é. Para uma melhor compreensão do conceito de fenômeno, o que é essencial é justamente ver como estas duas significações estão unidas na própria estrutura do conceito de fenômeno. Heidegger designa fenômeno pela sua significação positiva, ou seja, pelo

manifesto. Porém, estes dois termos (o manifesto e o aparente) não têm o significado da palavra alemã *Erscheinung*, que significa aparição.

Já a palavra *lógos* tem várias significações em Platão e Aristóteles que tendem a se diversificar. A tradução literal, discurso, só merece valor se for explicitado o que discurso quer dizer. Aristóteles explicou mais precisamente a função do discurso: “fazer ver” a partir daquilo sobre o que se fala. Sendo assim, o *lógos* pode ser verdadeiro ou falso. A palavra *lógos* pode significar razão, porém, pode também significar “o que”, sendo interpolado na discussão, torna-se visível em sua relação com alguma coisa, em seu “ser-em-relação” *lógos*. Heidegger termina a sua interpretação do discurso apofântico, uma interpretação que procura elucidar a função primária do *lógos* dizendo que esse termo recebe também a significação de relação e do reportar-se.

Em grego, então, fenomenologia quer dizer “fazer ver a partir de si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra por si mesmo” Em sentido fenomenológico, entretanto, fenômeno para Heidegger “é só aquilo que é ser, e o ser é sempre ser de um ente” Então, a fenomenologia indica para Heidegger “o modo de acesso e o modo de determinar legitimamente o que a ontologia tem por tema”. A ontologia só é possível então como fenomenologia.

Como para Heidegger, o ser é sempre ser de um ente, só é, acessível primeiro a partir do ente. Toda ontologia, no sentido lato que foi dado por Heidegger a esta palavra, deve então começar por uma análise fenomenológica de um ente privilegiado (o *Dasein*). O *Dasein* constitui a via de acesso à questão do sentido de ser. A maneira de tratar essa questão é a fenomenológica. A palavra fenomenologia designa aqui uma concepção metodológica. Segundo Heidegger ela caracteriza o como, a maneira de proceder da investigação pois se trata apenas de expor o “conceito provisório” de fenomenologia.

“Considerada em seu conteúdo” para Heidegger, “a fenomenologia é a ciência do ser do ente – a ontologia” No lugar da fenomenologia transcendental de Husserl, Heidegger propõe uma fenomenologia Hermenêutica. A fenomenologia do *Dasein* é hermenêutica na significação originária da palavra, em que designa a tarefa de explicitação. O sentido metódico da descrição fenomenológica é, então a explicitação e não o que esse sentido era para Husserl, a reflexão. (Para Husserl é justamente a orientação antinatural da reflexão que torna possível a descrição fenomenológica).

Enquanto hermenêutica, a fenomenologia surge como um questionar e um responder, sua questão própria é a questão do sentido do ser do ente. E, graças ao desvelamento do sentido do ser e das estruturas fundamentais do *Dasein* em geral, que se abre o horizonte de toda investigação ontológica do ente. A fenomenologia do *Dasein* “torna-se ao mesmo tempo hermenêutica no sentido de elaboração das condições de possibilidade de toda pesquisa ontológica”. Ontologia e fenomenologia não são consideradas por Heidegger como “duas disciplinas diferentes, que, entre outras, pertencem à filosofia”. Ao contrário, estes dois termos “caracterizam a própria filosofia quanto ao seu objetivo e seu método. A filosofia é a ontologia fenomenológica universal, que parte da hermenêutica do *Dasein*, a qual, enquanto analítica da existência, fixou como termo à abordagem de todo questionamento filosófico o ponto de onde ele brota e o ponto para onde ele retorna.

Segundo Ricoeur, "a hermenêutica é a teoria das operações da compreensão em sua relação com a interpretação dos textos. A primeira localidade que a hermenêutica procura desenclavar é certamente a da linguagem e, de modo mais especial, a da linguagem escrita" Pois, "com a escrita, não se preenchem as condições da interpretação direta mediante o jogo da questão e da resposta, por conseguinte, através do diálogo. São necessários, então, técnicas específicas para se elevar ao nível do discurso a cadeia dos sinais escritos e discernir a mensagem através das codificações superpostas, próprias à efetuação do discurso como texto"

De acordo com a interpretação que Ricoeur faz de Heidegger, "Dasein não é um sujeito para quem há um objeto... Dasein significa o lugar onde a questão do ser surge, lugar da manifestação. O desafio da filosofia hermenêutica constituiria, pois, na explicitação desse ente relativamente à sua constituição de ser. A hermenêutica não é uma reflexão sobre as ciências do espírito, mas uma explicitação do solo ontológico sobre o qual essas ciências podem edificar-se"

### **Existencialismo**

A palavra existência se torna agora essencial. A palavra essentia, na sua origem (ser = ousia), ganha um sentido mais restrito e passa a dizer o que as coisas são, em oposição ao fato de que elas são (existentia). A escolástica retoma este sentido restrito: a essência é o conceito de uma coisa no nível do possível e é concebida como um poder ser. A existência, ao contrário, é a plena atualidade, a pura atualidade efetiva.

Na mesma medida em que expressa a categoria fundamental do "existencialismo" o termo existência significa a maneira de ser do homem. Heidegger faz um uso da palavra Dasein muito original: "Esse ente que nós somos... e que possui, entre outras possibilidades de ser, a de questionar, nós o designamos com o termo Dasein" É nesse sentido que podemos dizer que só o homem existe: essa maneira específica que o homem tem de ser é para Heidegger o ser do Dasein e não ainda o próprio Dasein.

O termo Dasein não era, quando surgiu no século XVII, um termo especificamente filosófico: significa inicialmente presença. Já a partir de Heidegger, a palavra Dasein não designa mais o modo de ser das realidades naturais, não designa nenhum modo de ser, mas designa esse ente determinado que somos nós-mesmos. Esse ente (o Dasein) tem como todo ente um modo de ser específico e é o que Heidegger denomina existência.

Mas, a partir do século XIX, Dasein também é usado no sentido de vida e passa a designar então vida humana, a existência do homem. Segundo Heidegger, não é portanto nem a vida nem a existência mas nós-mesmos, ou seja, o ente-homem, que o Dasein denomina. A palavra homem é assim substituída pela palavra Dasein. O próprio Dasein é, para Heidegger, o tempo e significa que ele não retoma a pergunta tradicional "o que é o tempo?" (pergunta que, segundo Agostinho, é muito difícil de se responder) mas, a substitui pela questão "quem é o tempo?" E, essa substituição da pergunta nos leva a conclusões interessantes uma vez que, para Heidegger, o Dasein pode ser identificado com o tempo, ou melhor, o Dasein é o ente que permite perceber até mesmo que o título de sua principal obra, Ser e Tempo, não designa duas coisas distintas e sim uma única já que, na concepção de Heidegger, o ser é o próprio tempo.